

Caderno de Resumos

VII MiniEnapol de Historiografia Linguística

FFLCH/USP - 23 a 25 de setembro de 2013

CEDOCH



Uma proposta de periodização “complexa” para a gramaticografia brasileira oitocentista do português

Bruna Soares Polachini (USP/CEDOCH)

Neste trabalho apresentamos parte dos resultados a que chegamos em nossa pesquisa de mestrado intitulada “O tratamento da sintaxe em gramáticas brasileiras do século XIX: estudo historiográfico” (cf. Polachini 2013), na qual observamos, em diversos aspectos, as continuidades e discontinuidades no tratamento da sintaxe de seis obras gramaticais, a saber: Morais Silva (1806), Coruja (1873[1835]), Sotero dos Reis (1866), Freire da Silva (1875), Ribeiro (1881), Maciel (1902[1894]). O resultado selecionado refere-se ao que chamamos de “periodização complexa”, considerando que a fizemos de acordo com a proposta de Swiggers (2004) de distinguir no todo do conhecimento linguístico em quatro capas, a saber capa teórica (correspondente a visão global da linguagem e concepção das tarefas e do estatuto dos estudos linguísticos), capa técnica (relativa a técnicas de análise e métodos de apresentação dos dados), capa documental (a documentação linguística e filológica sobre o qual se baseia o estudo linguístico) e capa contextual (referente a questões contextuais que tenham importância sobre os elementos internos estudados). Nossa análise, portanto, foi feita em relação a cada um desses quatro aspectos e eventuais subdivisões que poderia haver internamente a eles com o intuito de observar se as capas, e mesmo as subdivisões internas a elas, movimentavam-se conjuntamente ou separadamente, isto é, no mesmo momento ou em momentos diferentes. Isso permitiu que as rupturas ou permanências fossem avaliadas em partes (as quatro capas) e em graus (ruptura, ruptura com continuidades, continuidade com rupturas e continuidade), e não apenas em rupturas transversais ou da divisão entre tradições paradigmáticas. Nesta comunicação apresentamos a periodização resultante desse trabalho explicitando, de forma geral, os critérios utilizados para a análise de cada capa que nos permitiram chegar a resultados nos quais foi possível observar rupturas ou continuidades. Também a comparamos a periodizações antecedentes a nossa, como Nascentes (1939), Elia (1975), Cavaliere (2002), Parreira (2011), com vistas a debater diferentes metodologias de se analisar rupturas e permanências.

Palavras-chave: Gramáticas brasileiras, Sintaxe, Periodização.



Ernesto Carneiro Ribeiro: pressupostos epistemológicos da Sintaxe nos "Serões Gramaticais"

Ednei de Souza Leal (UFPR)

Tendo em vista o contexto de profundas mudanças, inclusive no ensino, no Brasil em fins do século XIX, nosso trabalho procura investigar a obra "Serões Gramaticais" do baiano Ernesto Carneiro Ribeiro (1839-1920), e não apenas sob os preceitos da Historiografia Linguística, mas também nos focamos nos seus aspectos epistemológicos, incluindo assim nosso trabalho nos domínios da Filosofia da Linguística. Mais detidamente, procuramos observar a Sintaxe dessa obra. Os "Serões Gramaticais" surge em 1890 com pouco mais de 250 páginas, e encerra sua terceira edição (1919) – última revista pelo autor – com mais de 800 páginas. Em consequência os capítulos dedicados à Sintaxe também aumentaram de 137 para quase 300 páginas. Segundo Maria Helena de Moura Neves, das gramáticas tradicionais produzidas no Brasil, os "Serões Gramaticais" é a que mais se dedica ao assunto. Especificamente o que se destaca na Sintaxe dessa obra, diferentemente de outras do período ou mesmo posteriores, foi sua diversidade teórica. Nela são expostos, por assim dizer, dois métodos diferentes de análise sintática: o método francês, tais como as gramáticas filosóficas, modelo que perdurou justamente até o final do século XIX na tradição em língua portuguesa; e o chamado método inglês, que remonta às primeiras gramáticas de língua inglesa, ainda no início da Idade Moderna. Anteriormente já havíamos tido a oportunidade de trabalhar com a tal diversidade teórica do autor em foco, quando vislumbramos que as linhas que separam um dado modelo teórico de outro é, em verdade, muito tênue. Na ocasião (Leal 2011) comparamos os "Serões" com uma gramática anterior de Carneiro Ribeiro, a "Gramática Portuguesa Filosófica" (1881) que, segundo o próprio autor, foi construída sob a base teórica das chamadas gramáticas racionais, a qual o principal modelo em língua Portuguesa é a obra de Soares Barbosa, autor o qual o próprio Carneiro Ribeiro contestava. Nosso objetivo é o de mostrar as inovações encetadas por Carneiro Ribeiro em suas gramáticas, procurando dessa forma compreender melhor um período de suma importância para a historiografia das ideias linguísticas no Brasil.

Palavras-chave: Historiografia Linguística, Filosofia da Linguística, Epistemologia, Gramáticas Tradicionais, Ernesto Carneiro Ribeiro.



Pressupostos Epistemológicos na Sintaxe das Gramáticas Racionalistas

Ednei de Souza Leal (UFPR)

Alessandro Jocelito Beccari (UFPR)

Procuraremos neste trabalho, através de uma investigação historiográfica, apresentar os pressupostos epistemológicos que norteiam as chamadas “Gramáticas Racionais”, as quais são tributárias, em sua tradição, da Gramática de Port-Royal (1660) de Arnauld e Lancelot. Segundo Amadeu Torres, a Gramática Filosófica (1783) de Melo e Bacelar seria o primeiro modelo legítimo de uma gramática racionalista em língua portuguesa. Embora várias outras possuam a alcunha de “filosóficas” – veja-se, por exemplo, a Regras da Língua Portuguesa, Espelho da Língua Latina de Jeronymo Contador de Argote de 1725; Verdadeiro método de estudar de Lupis Antônio Verney de 1746; Arte da gramática da Língua Portuguesa de Reis Lobato de 1770; Gramática filosófica de João Crisóstomo de Couto e Melo de 1818 – Edward Lopes diz que só merece tal alcunha a Gramática Filosófica da Língua Portuguesa (1822) de Jerônimo Soares Barbosa, dada sua originalidade e sua proposta inovadora em descrever a língua, o que modernamente poderíamos chamar mesmo de uma “teoria” sobre a língua. Exporemos nosso trabalho epistemológico tomando como premissa as análises da Sintaxe da Gramática Filosófica de Soares Barbosa, e quando oportuno, em comparação à sintaxe de outras gramáticas ditas filosóficas ou racionais. Procuraremos, assim, expor os chamados modelos não-atomistas nessas obras, as quais têm como base teórica a metodologia hipotético-dedutiva, usada hoje em dia nos modelos teóricos da Linguística; ao contrário dos modelos empírico-dedutivos largamente aceitos pelas teorias histórico-comparativas que surgiram imediatamente após às gramáticas racionais, no século XIX. Dessa forma, procuraremos mostrar de que maneira a tradição racionalista que, de certa maneira, centralizou os estudos da Sintaxe, foi retomada e é mesmo tida como modelo de metodologia de trabalho na Linguística da segunda metade do século XX pra cá. Exporemos, assim, a importância que tem as chamadas gramáticas racionais no cenário da linguística atual sempre tendo em vista as gramáticas racionais produzidas no âmbito da tradição em língua portuguesa. Para realizar nosso trabalho, nos valem dos modelos teóricos de Koerner (1989), Swiggers (2004), Altman (2004), Borges Neto e Dascal (2004).

Palavras-chave: Historiografia Linguística, Filosofia da Linguística, Epistemologia da Linguística, Gramáticas Racionais, Jerônimo Soares Barbosa.



As Crônicas Históricas Portuguesas como fontes para Estudos da Língua

Elena Lombardo (USP)

Bruna Baldine de Miranda (USP)

Gilcélia de Meneses da Silva (USP)

Profa Dra Maria Clara Paixão de Souza (USP)

Este trabalho irá apresentar pesquisas voltadas para a compilação e o estudo de um corpus de Crônicas Históricas Portuguesas, sediadas na Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, no contexto do GP Humanidades Digitais (<http://humanidadesdigitais.org>). Os textos escolhidos, escritos entre os séculos XV-XVI, tratam da vida e feitos dos monarcas portugueses e das viagens e conquistas territoriais portuguesas efetuadas a partir do século XV nos espaços geográficos do Brasil e do noroeste da África. Dentro dessa perspectiva, o grupo procura não somente utilizar tais fontes, mas principalmente contribuir para a sua digitalização e disponibilização online. De fato, este processo se reflete positivamente na ampliação da variedade de pesquisas linguísticas, permitindo não somente o acesso ao conteúdo informacional dos documentos, mas também às estruturas gramaticais e palavras isoladas, ainda mais quando as pesquisas são associadas a um sistema automático de buscas. As vantagens de um corpus eletrônico são inúmeras nos diversos estudos linguísticos. Assim, o nosso grupo inclui pesquisas filológicas, como a pesquisa de Mestrado de Bruna Baldini de Miranda, A Trajetória editorial da obra de Gabriel Soares de Sousa: aspectos linguísticos e filológicos, que se propõe a cotejar o manuscrito original e a edição impressa póstuma de F. A. Varnhagen desta obra historiográfica, com o objetivo de investigar as diferenças linguísticas entre os dois textos. Em História da Língua Portuguesa, a pesquisa de Mestrado de Elena Lombardo, Os Portugueses no noroeste da África: relatos do contato linguístico entre islâmicos e cristãos, investiga um corpus de Crônicas dos séculos XV-XVI referentes à presença portuguesa em Marrocos, visando efetuar um mapeamento semântico e diacrônico das palavras usadas em referência aos âmbitos de comunicação intercultural, estimulando uma reflexão sobre a forma de encarar e relatar a diferença e o contato linguísticos no contexto selecionado. Na área de estudos gramaticais, as pesquisas se desenvolvem mais especificamente em torno da Sintaxe Histórica: destacamos a pesquisa de Doutorado de Gilcélia Menezes, As Construções Denominativas na História da Língua Portuguesa, que visa efetuar um levantamento histórico detalhado nas denominativas, analisando sua estrutura argumental e as relações sintáticas e semânticas, além de investigar as mudanças sofridas nessas estruturas na história do Português. Na apresentação ora proposta, partindo dos principais resultados desses trabalhos, procuraremos mostrar como eles se articulam em torno de um mesmo centro gravitacional - o estudo das Crônicas Históricas Portuguesas - e buscaremos discutir a importância destes textos para a História e a Historiografia da língua portuguesa.

Palavras-chave: Filologia e Língua Portuguesa, História da Língua, Historiografia da Língua, Crônicas Históricas Portuguesas, Humanidades Digitais.



Tradição retórica e exegese judaica na interpretação alegórica de Agostinho de Hipona

Emilson José Bento (USP)

A leitura dos sermões reunidos no *Tractatus in Iohannes Evangelium* de Agostinho de Hipona (354-430), em especial aqueles que são expressão da sua polêmica com o donatismo (seita cristã que surge no início do IV século e perdura até o século VI), põe o leitor diante de inúmeras metáforas (monte, luz, pomba, fogo, ave de rapina, corvo, etc.) e da interpretação alegórica dos textos bíblicos. Esta comunicação tem como objetivo examinar, à luz dos conceitos de metáfora e alegoria na retórica greco-romana (ARISTÓTELES: 1975; CÍCERO: 1988a, 1988b; QUINTILIANO: 2001) e em textos do próprio Agostinho, o modo como estes se operacionalizam dentro de seu método exegético, no qual parecem convergir tradição retórica e exegese judaica (HANSEN: 2006). De fato, Agostinho, herdeiro de uma exegese alegórica iniciada com Orígenes, considera que a alegoria não está nas palavras do texto bíblico, mas nos próprios fatos históricos que, como coisas ou eventos também simbolizam. Surge com ele, então, uma classificação das alegorias (*allegoriam historiae, et allegoriam facti, et allegoriam sermonis, et allegoriam sacramenti*) que, na Idade Média, ganhará uma sistematização cada vez mais precisa, dentro da exegese bíblica. Ao longo de seus escritos, Agostinho recorre também a outros termos, como *typus* (transliteração latina do grego *typos*), *similitudo*, *umbra*, *sacramentum*, *mysteria* e *imago*, que tem conotações semelhantes às de alegoria e figura. Utiliza estes termos individualmente e com frequência os combina com alegoria e figura em formas variadas e complexas. Estes deslocamentos e aproximação de termos operados por Agostinho, dão à alegoria uma função pedagógica e espiritual, o que permitiria o acesso a um sentido primeiro e mais profundo do texto da Escritura que não é a realidade concreta ou sensível à qual ele parece se referir quando se toma suas palavras em seu sentido imediato. Por fim, depois deste percurso pontual pela história das lições sobre figuras e tropos e sua apropriação por Agostinho, e levando em consideração os mais recentes estudos sobre a figura, que buscam demonstrar seus efeitos argumentativos, apresentaremos, sob este enfoque, breve análise de algumas das metáforas presentes nos sermões que compõem o corpus desta pesquisa, tendo como base teórica os estudos ligados à Nova Retórica (PERELMAN: 2005; MEYER: 2007; MOSCA: 2007).

Palavras-chave: Retórica, Exegese, Figura, Alegoria, Metáfora



Diferentes perspectivas sobre a língua etrusca

Jasmim Sedie Drigo (USP)

A língua etrusca desapareceu por volta do século I a. C. da península itálica englobada pelo domínio romano. Apesar disso, inúmeros estudiosos tentam até hoje desvendar sua origem e entender seu sistema linguístico devido à importância dos etruscos na Antiguidade. Diversos trabalhos já tentaram conectar o etrusco a línguas já existentes, indo-europeias ou não, contudo muitos ainda rotulam o etrusco como língua isolada. A questão sobre a origem dos etruscos e de sua língua retornou à pauta das discussões por causa de um polêmico trabalho de Beekes do começo do s. XXI, o qual defende uma origem indo-europeia para esse povo. Exemplos das peculiaridades do etrusco são o fato de que muitos dos seus processos morfológicos são aglutinativos, em vez de flexionais como o latim e o grego antigo, e que alguns casos são formados não a partir da base, o que é mais usual, mas a partir do genitivo, como o caso pertinativo. Estudiosos como Massimo Pallotino, Helmut Rix, e especialmente Rex Wallace ajudaram a compreensão do etrusco a avançar, mas ainda há muitas dúvidas quanto ao funcionamento da língua, as quais desaparecem e reaparecem, pois poucos vestígios linguísticos restaram desse povo.

Palavras-chave: etrusco, origem desconhecida, Rex Wallace, Helmut Rix.



O conceito de Cinosura de Dell Hymes e de Paradigma de Thomas Kuhn: reflexões sobre métodos historiográficos

Jorge Viana de Moraes (USP)

Este trabalho tem por finalidade, a partir de um estudo de caso, verificar as diferentes abordagens em Historiografia Linguística. Mais especificamente, retomar algumas reflexões acerca do conceito de Cinosura (Cynosure), elaborado pelo etnolinguista americano Dell Hymes (1927-2009), em oposição ao conceito de Paradigma notoriamente desenvolvido por Thomas Kuhn (1922-1996) em história e filosofia da ciência, de maneira especial em ciências físicas, embora tal conceito também tenha sido bastante produtivo em historiografia linguística. Nesse sentido, procurar-se-á mostrar o quanto o conceito de Cinosura de Hymes, em alguns casos, acomoda-se de modo mais satisfatório ao campo das Ciências da Linguagem do que o de Paradigma, de Kuhn. A pesquisa segue a linha teórica e metodológica da História das Ideias Linguísticas (AUROUX 1992, 2006, 2008); (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010), e Historiografia Linguística (HYMES, 1983) e está ligada a um estudo maior, em desenvolvimento, nossa tese de doutoramento, cujo título provisório é "Em busca dos fundamentos teóricos da variação linguística na obra de Serafim da Silva Neto". Igualmente, informamos que este trabalho dá continuidade às abordagens teóricas iniciadas em Moraes (2011).

Palavras-chave: Métodos em historiografia Linguística, Cinosura, Paradigma, Dell Hymes, Thomas Kuhn.



O tratamento do metatermo voz em gramáticas portuguesas do século XIX.

Julia de Crudis Rodrigues (USP/CEDOCH)

O conteúdo do tipo de obra que concebemos como gramática tem se mantido relativamente estável ao longo dos séculos: elas costumam apresentar reflexões acerca da ortografia e da fonética, das partes do discurso, da morfologia, da sintaxe e das figuras de construção (cf Auroux, 1992). A metalinguagem utilizada pelos gramáticos também conta com certo nível de continuidade. Também de um ponto de vista teórico e metodológico, não há mudanças bruscas, tal como propõe o modelo de Kuhn (1962) para o desenvolvimento desse tipo de conhecimento, mas podemos perceber mudanças sutis se analisarmos o desenvolvimento da gramaticografia. Na nossa pesquisa de mestrado, temos analisado o tratamento conferido à fonética, à fonologia e à ortografia em gramáticas portuguesas do século XIX. Nesta comunicação analisaremos as concepções do metatermo voz nestas gramáticas portuguesas: Couto e Melo, 1818; Soares Barbosa, 1822; Constancio, 1831; Caldas Aulete, 1864; Adolpho Coelho, 1891. Em estudo anterior, notamos que voz, no século XVI, era um metatermo-chave para se compreender a concepção que os autores quinhentistas tinham a respeito da fonética, fonologia e ortografia da língua portuguesa. Naquela ocasião, chegamos à conclusão de que o metatermo voz seria essencialmente utilizado como referência ao plano da expressão de qualquer unidade da língua, desde a letra até a palavra, embora fosse, em algumas passagens desses textos, fundido às noções que se reportavam a esses mesmos segmentos. Nossa intenção é a de, primeiramente, a partir de um levantamento exaustivo de ocorrência deste metatermo, nos aproximarmos do que os autores oitocentistas compreendiam por voz para, depois, ver o quanto houve de mudança se os comparamos aos gramáticos quinhentistas Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540). Trata-se, pois, de uma tentativa de acompanhar o desenvolvimento desse conceito na gramaticografia lusitana do português. Vale lembrar que a análise do metatermo voz está intimamente ligada à análise de outros metatermos, tais como letra, vogal, consoante etc, uma vez que, conforme explicita Swiggers (2010), ao se definir um termo é preciso levar em conta a rede de conteúdos na qual ele está inserido. Assim, ao lado das conceituações isoladas, procederemos ao estabelecimento da relação que este termo, em cada obra, tem com os outros dessa rede, de modo que possamos chegar a seus sentidos em cada texto e, posteriormente, oferecer um panorama de seu desenvolvimento no intervalo temporal considerado.

Palavras-chave: século XIX, gramaticografia portuguesa, voz.



Dois modos subjuntivos ao modo de Andres Bello

Luizete Guimaraes Barros (UEM)

Resumo: O presente trabalho visa apresentar a proposta de divisão do subjuntivo em dois modos distintos: subjuntivo comum e subjuntivo hipotético. O subjuntivo comum abarca as formas de presente e passado do subjuntivo: "Temo que llueva"- "Temía que lloviera". E o subjuntivo hipotético se reserva as formas em "-are", conhecida como futuro do subjuntivo e empregada em expressões condicionais: "Si aconteciere X, ocurrirá Y". O subjuntivo comum se define em paralelismo ao indicativo. De maneira que os valores temporais da expressão indicativa "Creo que alguien habla en el cuarto al lado" equivale ao subjuntivo: "No creo que alguien hable en el cuarto al lado". Desta forma, os dez valores temporais do indicativo se manifestam em subjuntivo por meio das duas formas simples - "ame, amara" - e das duas formas compostas - "haya amado, hubiera amado". O subjuntivo comum ocorre em orações subordinadas substantivas, e guarda simetria com as indicativas, sendo a negação a condicionante modal de pares como: "Creía que alguien hablaba en el cuarto al lado", e "No creía que alguien hablara en el cuarto al lado". Dessa maneira, poderia se propor uma extensão do mesmo tipo de paralelismo que abarcasse também as formas de futuro, em "Creere que alguien hablara en el cuarto al lado", forma inusitada cujo equivalente em subjuntivo seria agramatical e inusual em castelhano do século XIX como: "No creere que alguien hablare en el cuarto al lado". Essa assimetria impossibilita a inclusão das formas em "-are" no modo subjuntivo comum. Por essa razão, a bipartição do subjuntivo em dois modos discretos, o comum e o hipotético. Esta classificação, contida na "Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos", de 1847, editada no Chile por Andres Bello, não encontrou eco nas descrições gramaticais posteriores, tendo sido criticada por ser considerada forma obsoleta em sua época. Vicente Masip (2010), em "Gramatica de la lengua espanola para brasileños", considera que o subjuntivo em português possibilita o paralelismo proposto pelo fato do futuro do subjuntivo ser forma recorrente. Nosso objetivo é discutir a extensão da divisão de Bello, por meio da comprovação de empregos das formas em "-are" no espanhol-americano do século XIX, e a possibilidade de analogia desta classificação a línguas neolatinas em que esta forma não entrou em desuso.

Palavras-chave: língua espanhola, gramática do século XIX, teoria verbal.



A descrição dos conectores nas gramáticas de Rocha Lima e Gladstone Chaves de Melo

Luana Silva do Nascimento Cunha (UFF)

Com este trabalho, à luz dos pressupostos da Historiografia Linguística, pretendemos examinar a descrição dos conectores em duas gramáticas do século XX. O sistema de descrição e interpretação dos fatos linguísticos funda-se nas observações acerca da língua, construída por um sujeito enunciador cuja obra é digna de ser examinada para que se estabeleça o corpus e, assim, se realize a historiografia. Desse modo, elegeu-se, para o enfoque do presente trabalho, o estudo dos conectores a partir das obras Gramática normativa da língua portuguesa, de Rocha Lima, e Gramática fundamental da língua portuguesa, de Gladstone Chaves de Melo. Com esta pesquisa, visamos a observar o valor desses vocábulos, considerando seu uso discursivo nas relações de texto e contexto histórico. Trata-se de um levantamento das descrições das classes que funcionam como conectores, com vistas a justificar as abordagens, considerando as influências dos estudos linguísticos da época em que foram escritas. Embasados nos conceitos de Swiggers (2009), Nascimento (2002), Cavaliere (2009) e outros autores, procuramos ainda interpretar as percepções dos gramáticos citados não só no que tange à materialidade linguística, mas também no tocante ao universo extralinguístico, a fim de captar a dimensão histórica e social. Tivemos a intenção de retratar como foram formuladas, propagadas e como se desenvolveram estas descrições através do tempo, e ainda de reconstituir a realidade do período em que foram escritos esses manuais de Língua Portuguesa, de tal sorte que se possa avaliar seus parâmetros em comparação com os compêndios de descrição do português escritos em períodos posteriores. A escolha dos autores mencionados justifica-se por tratar-se de gramáticos consagrados que deixaram um legado de pesquisa em nossa língua e lograram obter grande aceitação de suas obras no âmbito do ensino básico da língua vernácula. Além disso, desses textos ainda poderemos obter informações úteis à atividade docente em Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Historiografia Linguística, gramaticografia, conectores.



Língua portuguesa: reflexões sobre discursos pedalinguísticos em Portugal e no Brasil

Neusa Bastos (IP-PUC-SP/NEL-UPM)

Nancy dos Santos Casagrande (IP-PUC-SP)

O objetivo deste trabalho é o de refletir sobre produção gramatical no Brasil e em Portugal – unidos em uma só obra - Celso Cunha e Lindley Cintra, para observar como se descreve a Língua Portuguesa no Brasil na segunda metade de século XX. Reuniram-se, então, os três aspectos importantes para o desenvolvimento deste estudo, apoiados em Koerner (1996): em primeiro lugar, delineamento do clima de opinião, para a contextualização do momento em foco, com vistas a se estabelecerem as representações sociais da época; em segundo lugar, busca da imanência, no rastreamento das ideias linguísticas e das políticas pedalinguísticas determinantes do ensino de língua materna no ensino secundário para o contato com os conceitos linguísticos e com a questão da cidadania; por fim, desvelamento das implicações referentes aos objetivos linguísticos apresentados em material histórico de pesquisa – Gramática do Português Contemporâneo (1970) – Celso Cunha; Gramática Moderna (1970) – Celso Cunha; Nova Gramática do Português Contemporâneo (1985) – Celso Cunha com a colaboração com Luís Filipe Lindley Cintra (1985), a fim de proceder ao levantamento do percurso historiográfico dos estudos gramaticais. Neste terceiro momento, por meio da adequação, buscamos a interpretação e análise dos documentos históricos selecionados, volvidos do olhar da ciência linguística moderna. Relembremos mais alguns apontamentos de Koerner (2007: 30) sobre a nossa tarefa de historiógrafos em que menciona que o historiógrafo da Linguística deve se familiarizar com o delineamento da transmissão da teoria e da prática linguísticas e de seus intercâmbios através dos tempos, tendo como objeto de estudo as idéias sobre a linguagem e as propostas de descrição e explicação dos fenômenos sem deixar de lado as aproximações que se fizerem necessárias. Acrescentem-se os procedimentos de Swiggers (2009:68) sobre o fato de que descrição e explicação do corpus pode voltar-se para uma obra particular, para o conjunto da produção de um só autor, para uma gama mais ou menos extensa de textos relacionados a uma delimitação geográfica, histórica e/ou temática do objeto de estudo. Seguimos, ainda, os passos investigativos mencionados por Bastos e Palma (2004: 9), a saber: seleção/ordenação/reconstrução/interpretação do processo dessa produção com base no clima de opinião desenhado.

Palavras-chave: Historiografia Linguística, gramática, discurso pedalinguístico.



Língua portuguesa e lusofonia: uma história

Neusa Barbosa Bastos (IP-PUC/SP – NEL-UPM)

Regina Pires de Brito (IP-PUC/SP – NEL-UPM)

O termo Lusofonia abarca um sistema de comunicação linguístico-cultural no âmbito da língua portuguesa e nas suas variedades linguísticas, compreendendo os países que a adotam como língua oficial (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste) ou língua de uso (embora restrito) (Macau, Goa, Damão, Málaca), além das numerosas comunidades constituintes da chamada “diáspora lusófona”. Esta síntese do mundo lusófono – que se procura reunir no conceito de lusofonia – pretende conciliar diversidades linguísticas e culturais com a unidade estruturante do nosso sistema linguístico. No entanto, defrontar-se com diferentes espaços em que o português é uma das línguas de expressão oficial (materna, oficial ou de uso) revela-nos que a utilização do termo Lusofonia (e de uma série de outras expressões daí decorrentes, tais como: países lusófonos, mundo lusófono, cultura lusófona, unidade lusófona, identidade lusófona, etc) provoca interpretações e reações muito diversas no contexto que abarca a denominada “comunidade dos países de expressão portuguesa”. A partir disso, esta apresentação objetiva discutir acerca da ideia de lusofonia em dois tempos reconhecidos como de globalização, a saber o século XVI e o século XXI. Para essa reflexão, buscam-se marcas discursivas dos sentimentos de “ontem” e de “hoje” acerca da temática “lusófona”, em fragmentos de textos (literários e / ou jornalísticos) de dois escritores de expressão em língua portuguesa, nossos contemporâneos: José Eduardo Agualusa (angolano) e Mia Couto (moçambicano) – ambos desfrutando de reputada projeção internacional. Iniciaremos nossas considerações com o olhar brasileiro, a partir de um tempo determinado e de lugares determinados para nossa atuação como sujeito cidadão, docente universitário, pesquisador do século XXI e sabedor, como os demais sujeitos, de lugares comuns acerca do tema.

Palavras-chave: historiografia linguística, lusofonia, língua portuguesa.



O contato entre o português brasileiro e as línguas africanas na visão de Mendonça (1933) e Raymundo (1933): uma análise historiográfica

Patrícia Borges (USP/CEDOCH)

Ambas publicadas em 1933, *A influência africana no Português do Brasil* de Renato Firmino Maia de Mendonça [1912 - 1990] e *O elemento afro-negro na Língua Portuguesa* de Jacques Raymundo Ferreira da Silva são consideradas como obras fundamentais da tradição que, no Brasil, investigou a questão do contato entre as línguas africanas e o português brasileiro: (cf., p. ex., CASTRO, 2012[1933] apud MENDONÇA 2012[1933], BONVINI, 2009; PETTER, 2000). No panorama histórico construído por Bonvini (2009), Mendonça e Raymundo são tidos como representantes da vertente que sustenta a hipótese da “influência” das línguas africanas no português brasileiro, principalmente no domínio lexical. Segundo ele, ambas as obras foram produzidas no contexto que buscava destacar as especificidades do PB frente ao português europeu. Nesta apresentação, no intuito de ir além de “rótulos” consolidados ou classificações feitas em conformidade com a história social sem que reflitam aspectos relativos à natureza interna dos trabalhos, analisaremos, por um lado, as obras destacando os aspectos internos, i.e, os que dizem respeito à natureza dessas descrições linguísticas, principalmente com relação às fontes e à metodologia empregada, e, por outro lado, os aspectos externos, que tratam da história dos agentes, do espaço e tempo envolvidos na produção do conhecimento linguístico. Trata-se de uma análise parcial de dados de nosso projeto de mestrado, que tem como objetivo mapear e analisar a produção que investigou o contato entre o português brasileiro e as línguas africanas no Brasil e propor uma periodização entrelaçada (inter-relação entre aspectos internos e externos) para a história dessa produção. Para tanto, utilizaremos o conceito de “programa de investigação”, proposto por Swiggers (2005[2004], 1981a). Nosso objetivo é analisar o tratamento dado à questão do contato, a partir dos parâmetros de análise que distinguem um “programa de investigação”: visão (visão de linguagem adotada, tipos de materiais de destaque e modos de conceber as relações entre linguagem e sociedade, linguagem e cultura, etc.), técnica (conjunto de princípios e métodos adotados) e incidência (formas linguísticas de análise privilegiadas e à natureza e função preferencialmente atribuídas a essas formas). O estudo desses três aspectos permitirá sinalizar preponderâncias, ausências, semelhanças e distinções que auxiliem a melhor delimitar ‘fases’ – numa abordagem linear do tempo – além de permanências, rupturas, retomadas e apagamentos que se verifiquem entre as diferentes ‘fases’ nessa história

Palavras-chave: Linguística Brasileira, Português Brasileiro, Línguas Africanas, Contato Linguístico.



De V. I. Propp à semiótica pelo viés da Historiografia Linguística

Patricia Veronica Moreira (UFG)

A Historiografia Linguística para Milani (2008) se preocupa com as fontes construtoras da obra tomada como monumento. Nos anos 60, o autor A. J. Greimas publica a obra “Semântica Estrutural” que daria início aos estudos da semiótica francesa. O objetivo do presente trabalho é recuperar uma das fontes do estudo greimasiano, e pela análise do documento traçar o percurso historiográfico que mostrará como “a individualidade está construída naquilo que é historiograficamente individual” (MILANI, 2008). Com este fim, separa-se o social daquilo que é refração individual, para que seja possível o aparecimento dos monumentos que transformaram a história da Linguística. A partir do “Morfologia do conto maravilhoso” de V. I. Propp, traduzido para o inglês em 1958, o autor Greimas reestruturou os conceitos da obra em seu trabalho. Por exemplo, ao invés das sete esferas de ação proppianas, o autor propôs níveis atuacionais reduzindo o esquema de V. Propp. Outro vestígio da teoria de Propp na obra de Greimas é a organização das trinta e uma funções. Primeiramente, o autor se pergunta se as funções proppianas poderiam ser utilizadas em descrições dos “microuniversos míticos”. Em segundo, o questionamento perpassa pela redução das trinta e uma funções e a verificação da sucessão delas e de sua consistência, devido ao fato de Propp ter concluído que num conto maravilhoso algumas funções poderiam ser omitidas ou até mesmo repetidas, porém não seria possível que uma função viesse fora da ordem. Então com tais possibilidades, A. J. Greimas (1973) reduziu as funções proppianas a vinte. O inventário reduzido e definitivo das funções da narrativa, segundo Greimas (1973) seria: ruptura da ordem e alienação; reintegração e restituição da ordem. Portanto, com estes conceitos encontrados nos documentos estudados foi possível recuperar a fonte do pensamento greimasiano através do reconhecimento público (KOERNER, 1987), e estabelecer pelo viés historiográfico uma das bases da semiótica francesa.

Palavras-chave: Historiografia Linguística, Propp, Greimas, Semiótica.



**A descrição da categoria gramatical de caso em Quéchua no século XIX:
Honorio Mossi (1860) e Dionisio Anchorena (1874).**

Roberta Ragi (USP/CEDOCH)

O objetivo deste trabalho é examinar a metalinguagem gramatical relativa à categoria de caso nominal em Quéchua em duas das primeiras gramáticas produzidas sobre a língua geral andina no século XIX: "Gramática de la lengua general del Perú llamada comunmente quichua", de Honorio Mossi (s.d.), publicada em Sucre, no ano de 1860; e "Gramática quechua ó del idioma del imperio de los Incas", de José Dionisio Anchorena (s.d.), publicada em Lima, no ano de 1874. Observando, como referenciais metodológicos, as proposições de Swiggers (2010), tenciona-se, aqui, desenvolver um estudo metassemiótico da metalinguagem gramatical de caso, nas duas obras indicadas, tendo em vista dois parâmetros de análise distintos: de um lado, o quadro teórico-metodológico específico que sustenta as descrições sob exame; de outro, os aspectos históricos, políticos e institucionais que contextualizam a metalinguagem em questão. Historicamente, a descrição da categoria de caso nominal em Quéchua revela uma importante polêmica entre os gramáticos que se dispõem a examiná-la. Domingo de Santo Tomás (1499-1570), na primeira gramática produzida sobre o Quéchua, em 1560, afirma que não há efetiva declinação de caso nominal na língua andina, reconhecendo, entretanto, a existência de seis casos nominais (nominativo, genitivo, dativo, acusativo, ablativo e vocativo) dados mediante o uso de preposições. Diego González Holguin (1552-1618), em sua gramática publicada em 1607, ao contrário, atesta efetiva declinação do nome quéchua independentemente do uso de preposições. No século XIX, outros autores, como Jakob Von Tschudi (1818-1889), citado diretamente por Anchorena, e Clements Markham (1830-1916), trazem novas aportações para a descrição da categoria de caso nominal em Quéchua. Pois bem, de que maneira, na América Independente, concluída a longa etapa da colonização espanhola, Honorio Mossi e José Dionisio Anchorena posicionam-se relativamente a essa questão? Quais os referenciais metodológicos que encaminham as descrições de caso nas duas gramáticas indicadas? É possível dizer, nesse contexto, que o trabalho gramatical de Mossi e Anchorena, relativamente à categoria de caso nominal, reflete, igualmente, suas opções políticas e institucionais à época? Esta investigação pretende encaminhar respostas para essas perguntas, no campo específico de pesquisa da Historiografia Linguística.

SWIGGERS, Pierre. 2010. Le métalangage de la linguistique: reflexions à propos de la terminologie e de la terminographie linguistiques. Revista do GEL, V. 7, N° 2, pp. 9-29. Disponível em http://www.gel.org.br/revistadogel/volumes/7/gel_7.2_t01.pdf. Acesso em 2 de julho de 2013.

Palavras-chave: Historiografia Linguística, Gramaticografia Quéchua, Caso Nominal.



Inovação e conservação de artigos e pronomes na Gramática (1853[1847]) de Andrés Bello

Stela Maris Detregiacchi Gabriel Danna (USP/CEDOCH)

A presente comunicação tem por objetivo apresentar os resultados parciais de um estudo acerca de continuidades e rupturas propostas por Andrés Bello (Venezuela, 1781 – 1865) na Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos (1853[1847]). Este estudo está sendo desenvolvido dentro de um projeto de pesquisa mais amplo em que propomos investigar os diálogos estabelecidos por Bello e Said Ali Ida (Brasil, 1861 – 1953) com tradições de estudos da linguagem, tanto por meio da análise da ‘escolha de retórica’ (MURRAY, 1994), como da ‘metalinguagem’ gramatical utilizada. Para a apresentação, nosso foco será a análise metalinguística dos metatermos artigo e pronome - contidos na Gramática – segundo a metodologia desenvolvida para o Projeto Documenta, Gramaticae et Historiae (ALTMAN & COELHO, 2006 – atual), que contempla quatro parâmetros: (i) significante; (ii) significado; (iii) exemplos; (iv) taxionomia. Sabendo-se que os estudos linguísticos são realizados por sujeitos que interagem entre si, com um contexto sócio-político-cultural contemporâneo a eles e com uma tradição científica passada (SWIGGERS, 2005[2004]: p. 116) e que a metalinguagem poderia sofrer e refletir tipos de coerções – ideológicas, sócio-culturais, etc – a que estão sujeitas as línguas naturais (REY-DEBOVE, 2001: p. 4), cruzaremos o resultado da análise dos metatermos com: (1) dados de ordem ‘externa’, tais como o contexto histórico em que a obra foi publicada; e a ‘escolha de retórica’ assumida por Bello; (2) outros dados de ordem ‘interna’, como as definições de pronome e artigo encontradas em obras gramaticais pertencentes à tradição hispânica de descrição linguística, tais como – por exemplo – as de Salvá (1852[1830]) e da Gramática da Real Academia Española (1771). Acreditamos que esta pesquisa contribua, por um lado, para uma melhor compreensão dos estudos linguísticos realizados na América do Sul, no momento em que as colônias latino-americanas iam obtendo sua independência político-cultural da Espanha (e de Portugal, no caso do Brasil); e, por outro, para um maior aprofundamento das ideias de Bello sobre a descrição do castelhano.

Palavras-chave: gramática castelhana, artigo, pronome, Andrés Bello, metalinguagem.



As ideias linguísticas de Julio Moreira: um estudo de suas influências

Valéria de Araujo Pereira (FFLCH-USP)

Esse trabalho, ligado a um projeto de pesquisa maior: nossa dissertação de mestrado, cujo título provisório é “As ideias linguísticas de Julio Moreira: um estudo da sintaxe popular”, tem por objetivo verificar se há referência, na obra de Julio Gonçalves Moreira, à tradição gramaticográfica portuguesa – mais especificamente aos gramáticos portugueses dos séculos XVI, XVII e XVIII. E, caso não haja, tentar responder por que motivo essa referência não existe. Como também, verificar se há a influência da Romanística, bem como a influência do método histórico-comparativo no Horizonte de Retrospecção do autor, já que em termos de tempo, estas seriam as mais prováveis influências recebidas por ele. Os gramáticos que procuraremos encontrar nas obras Estudos da língua portuguesa, 1º volume: subsídios para a syntaxe historica e popular (1922 [1907]) e Estudos da língua portuguesa, 2º volume: obra póstuma (1913), de Julio Moreira serão João de Barros (1540), Fernão de Oliveira (1536), Amaro de Roboredo (1619), Jerônimo Contador de Argote (1725) e Antonio José dos Reis Lobato (1770), gramáticos considerados referências nos estudos da história gramaticográfica portuguesa. Em nossa pesquisa, partiremos da hipótese de que existe a possibilidade de haver um aproveitamento das ideias linguísticas desses autores por parte de Julio Moreira para, por exemplo, elaborar sua definição de sintaxe popular. Hipótese esta que, ao longo do trabalho, será confirmada ou infirmada. Seguimos a linha teórico-metodológica da História das Ideias Linguísticas, conforme Auroux (1992, 2008). Concluiremos este estudo com algumas considerações finais.

Palavras-chave: Ideias linguísticas, Gramaticografia portuguesa, Horizonte de retrospecção, influências.



História do Presente, Historiografia Linguística: entre certezas e desafios

Vera Lucia Harabagi Hanna (UPM)

Questões a respeito da história do tempo presente em relação à instituição de uma verdade não-histórica, assim como estudos sobre crises epistemológicas e metodológicas pelas quais esse campo de estudo tem passado nos últimos sessenta anos têm trazido ao debate questões relativas à mutabilidade da História, às fronteiras porosas entre as disciplinas, assim como algumas insatisfações atinentes à promiscuidade que possa existir entre a História e outros ramos do conhecimento, e as prevenções de fontes provenientes de ‘não-historiadores’ - cientistas sociais, jornalistas, cineastas, dramaturgos, romancistas. O modo como se cria a autenticidade, como se constitui a realidade, como se estabelecem os argumentos, como se filtra o passado, como se usa a narração como forma de argumentação, de descrição, como se faz a seleção, a ordenação, a reconstrução dos fatos, como se faz a interpretação das evidências são discussões permanentes, sempre em relação ao tempo, ao tempo presente e fatores determinantes no entendimento ao exercício que a Historiografia Linguística recomenda. Indagações sobre a história do presente e verdade histórica, além do imediatismo de fontes novas, exigem uma revisão sobre o posicionamento teórico-metodológico do trabalho em HL e têm sido objeto de discussão no Grupo de Historiografia da Língua Portuguesa - IP-PUC/SP e no GT de Historiografia da Linguística Brasileira da ANPOLL. O presente trabalho, além de propor a continuidade daquele estudo, visa a complementá-lo e ampliá-lo no que se refere ao construto de interpretação de uma obra a partir do período em que foi produzida e identificá-la com os movimentos culturais e políticos da época (episteme de Foucault). Considerando-se que todos os sistemas humanos são simbólicos e sujeitos às regras da língua, não havendo possibilidade de o indivíduo se posicionar como um observador fora do círculo fechado da textualidade (neo-historicismo), utiliza-se o modelo do texto para o estudo da cultura (Estudos Culturais) que justifica a inclusão das análises de Geertz (a cultura e os rituais que a compõem como um rede de significados estratificados), de Hall (representações e construção textual da identidade cultural, da cultura popular às práticas cotidianas), de Bhabha (questões do tempo e temporalidade; vivências nas fronteiras do presente), além de Bordieu, Chartier, Halbwachs, Koerner, Le Goff, Munslow, Muricy, Veyne, White, dentre muitos outros.

Palavras-chave: história do presente, historiografia linguística, estudos culturais, tempo histórico, verdade histórica.